

## **Aversão ao conflito: o que isso revela sobre a enfermagem?**

### **Conflict aversion: what does it reveal about nursing?**

### **Aversión al conflicto: qué revela sobre la enfermeira**

Jackeline Cristiane Santos<sup>1</sup>

Não raro, escuta-se em reuniões entre profissionais de Enfermagem algo como: “Estamos todos dizendo a mesma coisa, porém com palavras diferentes”, ou – desfrutando de acentuado entusiasmo – “nossa, até parece que tínhamos combinado, pois tivemos a mesma idéia, pensei a mesma coisa”. Tais afirmações, propaladas de forma reiterada e múltipla em diferentes espaços sociais nos quais transitam profissionais de Enfermagem, parecem ser despreziosas. No entanto, evidenciam – ao mesmo tempo em que reforçam – a docilidade típica de uma Enfermagem historicamente submissa e conformada.

A subserviência, a docilidade e a conformação ao instituído são marcas culturais que têm acompanhado a evolução sócio histórica da profissão de Enfermagem. Os antecedentes históricos da emergência da Enfermagem como profissão regulamentada, indicavam desde então, tendências ao “ser boazinha”. Pessoas leigas vinculadas a instituições de caridade, e que prestavam cuidados aos doentes como ato de altruísmo, parecem ter-nos legado, através da História da Enfermagem, certo senso de dedicação romantizada, que culmina na subserviência perante aos poderes instituídos – quer sejam esses poderes advindos de uma ordem formal (ocupantes de cargos hierarquicamente superiores aos dos profissionais da Enfermagem) ou não-formal (o que abrange a própria autoimagem do profissional

---

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Enfermagem. Endereço: Av. Prof. Moraes Rego, 844-900 - Cidade Universitária, Recife -PE, 50670-420. E-mail: [jackeline.csantos@ufpe.br](mailto:jackeline.csantos@ufpe.br)

em face da sociedade mais ampla).

Para estudiosos envolvidos na pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, empreendida pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) em parceria com a Fundação Osvaldo Cruz (FioCruz), “a enfermagem [...] carece se libertar das amarras do passado que a tornou subserviente e conformada” (1:76). Essa libertação parece-me demandar, aos profissionais da Enfermagem, a superação do modo como se encaram conflitos. Superação essa que não se faz na defesa oral da importância dos conflitos para a vitalidade de uma equipe, mas através do modo como se conduzem negociações e diálogos por profissionais de Enfermagem.

Em face disso, o leitor pode estar questionando: ora, mas o que nos falta enquanto categoria profissional para superar o *modus operandi* culturalmente reforçado de evitação de conflitos? Ou – dito de outro modo – o que nos ajudaria a superá-lo?

À guisa de delineamento de uma resposta, recorro à obra intitulada “síndrome da boazinha: como curar sua compulsão por agradar”, de autoria da psicóloga norte-americana Harriet B. Braiker (2). Nessa obra, a autora explica tal síndrome como um conjunto de comportamentos fincados em pensamentos, sentimentos e atitudes comprometidas em agradar aos outros (e quiçá, mas somente em último lugar, a si mesmo).

A interlocução com o livro citado leva-me a considerar como possibilidade de superação da evitação quase que inconsciente de conflitos, o reconhecimento de pensamentos, sentimentos e atitudes que fazem da Enfermagem uma profissão veterana na compulsão por agradar.

Um pensamento coletivo a ser superado é o de que discordar é sinônimo de rebeldia, sendo essa – a rebeldia – encarada negativamente. Esse pensamento parece ser bastante confortável para uma categoria cuja maioria dos profissionais atua como assalariada. A Enfermagem é uma profissão de característica fortemente institucionalizada, com inserção em instituições públicas, privadas e filantrópicas. Logo, trata-se de uma categoria tradicionalmente propensa à obediência.

Ademais – e prosseguindo no reconhecimento de sentimentos a serem enfrentados – destaco o sentimento de inferioridade. Esse sentimento pode ter relação com o modo pelo qual profissionais de Enfermagem são vistos pela sociedade mais ampla: “como inferiores, que lidam com secreções, odores, nojos humanos” (1:33).

Finalmente, no campo das atitudes, destaco posicionamentos alusivos a uma espécie de conciliação forçada de contrários. Tais atitudes podem ser reconhecidas em falas como as que foram apresentadas no início deste texto. São comentários, posturas e discursos que eufemizam conflitos; como se ao negá-los fosse possível escapar de qualquer possibilidade de discórdia, reforçando o lugar historicamente conhecido e tradicionalmente naturalizado na Enfermagem: o de “bondade”.

“A enfermagem [...] carece se libertar das amarras do passado que a tornou subserviente e conformada, e assumir o papel de proprietária do seu destino, sob pena de ver ser degradado um ofício tão nobre, que faz a diferença na vida de quem nasce, se desenvolve, se reproduz e morre” (1:76).

A despeito da necessidade de libertação de uma cultura tipicamente “boazinha”, temos de reconhecer sinais de mudança cultural na profissão.

A diferença ocasionada na vida das pessoas pelo trabalho da Enfermagem ficou mais evidente durante a pandemia pelo coronavírus, decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020. Dado o desconhecimento acerca da evolução de uma doença de transmissão respiratória, causada por um vírus sequer sequenciado à época do início da pandemia, a única medida preventiva anunciada pelas autoridades científicas consistia no afastamento do contato social. Mas os profissionais da Enfermagem não puderam parar. Premidos entre a responsabilidade ético-social durante situações de calamidade pública, e o medo de contaminar seus entes queridos, trabalhadores da Enfermagem mantinham-se determinados no cuidado dos doentes.

Ressalte-se, contudo, que aquele momento histórico não deve ser romantizado em sua narrativa. Há de se considerar o desgaste mental e físico dos profissionais, bem como a falta (ou inadequação) de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). Se por um lado o som era de aplausos e de homenagens públicas em monumentos, de outro, o silêncio da ausência do contato com os familiares (para evitar contaminá-los) fazia-se ensurdecador. E foi nesse contexto que emergiu o PL (Projeto de Lei) 2564/2020, que pleiteava a aprovação de um piso salarial há muito tempo demandado pela categoria profissional. Ano do bicentenário de Florence Nightingale, 2020 foi palco para o ápice de campanhas como a *Nursing Now*, que visava “melhorar a saúde, elevando o perfil e status da enfermagem em todo o mundo” (3:1).

A aprovação do PL 2564/2020 e de decretos legislativos estaduais (como o Decreto 193/2021 em Pernambuco) que possibilitam a abertura de clínicas e consultórios por enfermeiros – como iniciativa clara de fomento ao desenvolvimento do empreendedorismo na Enfermagem – parecem refletir mudanças quanto ao reconhecimento social da Enfermagem e quanto ao modo como esses profissionais passam a perceber-se do ponto de vista sociopolítico.

Tais mudanças convocam o campo da formação de novos profissionais de Enfermagem, os quais precisam chegar ao mundo do trabalho mais críticos e firmes na manutenção das conquistas, e determinados a prosseguir com outras lutas. A formação profissional em Enfermagem não deve prescindir do robustecimento de sujeitos aptos a discordar, a negociar e a articular forças em defesa de condições de trabalho que lhes permitam assistir com qualidade os mantenedores do Sistema Único de Saúde, isto é, os cidadãos brasileiros. O desenvolvimento de habilidades no campo do *marketing* profissional e da mediação de conflitos, passa a ser imperativo no cenário das conquistas mais recentes.

Educadores, precisamos assumir o compromisso político da contribuição a uma nova cultura profissional na Enfermagem: mais autônoma e obstinadamente persuasiva na defesa de interesses que beneficiem não apenas a categoria profissional da Enfermagem, mas a sociedade mais ampla. Em Paulo Freire<sup>(4)</sup>, a noção de cultura tem estreita relação com trabalho, na medida em que por meio das intervenções do homem sobre a natureza (trabalho), vai-se instaurando um processo de transformação de um e de outro (natureza e homem). Portanto, por meio do trabalho acadêmico, educadores devem realizar intervenções transformadoras de pensamentos, sentimentos e atitudes típicas de uma Enfermagem historicamente “boazinha” no sentido da docilidade e da aquiescência do termo. Como ressonância, os próprios educadores serão transformados, e seguirão buscando transformar.

## REFERÊNCIAS

1. Conselho Federal de Enfermagem. Perfil da enfermagem no Brasil. Rev. Enferm Foco, 2016; 7(Esp.).
2. Braiker, HB. Síndrome da boazinha: como curar sua compulsão por agradar. N: Best Seller, 2012.
3. Nursing Now Brasil. Campanha Nursing Now. Disponível em <[Nursing Now Brasil](#)>. Acesso em 22 jul. 2022.
4. Freire, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.